

CARLOS AUGUSTO MONTEIRO. UM GEÓGRAFO COMPLETO, MUITO CULTO E CARISMÁTICO

Lúcio Cunha¹

Rui Jacinto²

Messias Modesto dos Passos³

Carlos Eduardo das Neves⁴

Diogo Laércio Gonçalves⁵

Resumo: O Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro foi um dos cientistas brasileiros mais importantes na renovação científica da Geografia na transição epistemológica iniciada em meados do século passado. Com base nas suas facetas de climatólogo, de geógrafo, sempre em busca de soluções integradoras, e de homem de cultura, procurámos traçar uma imagem, ainda que breve, do seu perfil, dando conta das suas preocupações maiores em termos de objecto e método da Geografia, da procura do carácter integrador desta ciência e do seu valor enquanto ciência aplicada ao serviço da equidade social e de um ordenamento do território equilibrado e justo. Utilizando a cultura, a arte e a literatura, como modo de expressão geográfica, criou escola e ajudou a levar a Geografia brasileira a um patamar internacional.

Palavras-chave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Climatologia. Geografia. Geossistema. Cultura.

CARLOS AUGUSTO MONTEIRO. A COMPLETE, VERY CULTURED AND CHARISMATIC GEOGRAPHER

Abstract: Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro was one of the most important Brazilian scientists in the renewal of Geography and the epistemological transition initiated in middle of the last century. Based on his facets as a climatologist, a geographer always in search of integrative solutions and as a man of culture, we try to draw an image, however brief, of his profile, giving into account his major concerns in the object and method of Geography, in seeking the integrative character of this science and its value as science applied to the social equity and to a eficace territorial management. Using culture, art and literature as ways of geographical expression, he created a geographic school and helped to bring the brasilien Geography to an international level.

Keywords: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Climatology. Geography. Geosystem. Culture.

¹ Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Coimbra, Portugal, luciogeo@ci.uc.pt, <https://orcid.org/0000-0003-0086-7862>

² Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Coimbra, Portugal, rjacintomm@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1405-3042>

³ Universidade Estadual Paulista, Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, Brasil, mmpassos86@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-0360-7612>

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia Física, Rio de Janeiro, Brasil, cenuerj@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6840-2116>

⁵ Universidade Estadual Paulista, Departamento de Geografia e Planejamento da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos, Brasil, diogo.goncalves@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-0647-6283>

CARLOS AUGUSTO MONTEIRO. UN GEÓGRAFO COMPLETO, MUY CULTO Y CARISMÁTICO

Resumen: El profesor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro fue uno de los científicos brasileños más importantes en la renovación de la Geografía y en la transición epistemológica iniciada a mediados del siglo pasado. A partir de sus facetas de climatólogo, de geógrafo siempre en busca de soluciones integradoras y de hombre de cultura, intentamos trazar una imagen, aunque breve, de su perfil, teniendo en cuenta sus mayores inquietudes en el objeto y método de la Geografía, al buscar el carácter integrador de esta ciencia y su valor como ciencia aplicada a la equidad social y a una gestión territorial eficaz. Utilizando la cultura, el arte y la literatura como formas de expresión geográfica, creó una escuela geográfica y ayudó a llevar la Geografía brasileña a un nivel internacional.

Palabras clave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Climatología. Geografía. Geosistema. Cultura.

Introdução

Num trabalho recente, um dos mais reputados geógrafos do Brasil, especialista em Geografia Ambiental, Marcelo Lopes de Souza (2020) comenta o aparecimento de um livro que se pretende fundador da chamada “Geografia Física Crítica” (Lave et al., 2019), referindo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro como um dos geógrafos pioneiros que, no Brasil, conjuntamente com Jean Tricart e com Aziz Ab’Saber, terá sido um dos precursores desta tendência geográfica, ainda muito antes do aparecimento da chamada Geografia Crítica associada essencialmente à Geografia Humana, área em que teve a sua expressão máxima e o maior impacto teórico e aplicado em termos científicos. Esta evocação de autores de Geografia Física como obreiros da chamada Geografia (Física) Crítica assenta, sobretudo, no facto de eles terem impulsionado uma Geografia Física integrada que servia a sociedade, os povos e as nações, ao estudar a sua articulação diferenciada com a Natureza, os seus usos, os seus recursos e os seus riscos. Segundo o autor, esta tendência assentou, também, na recusa do positivismo enquanto modo principal de encadeamento do raciocínio em Geografia Física e na compreensão dos processos físicos ou geo-ecológicos como histórica e culturalmente situados (e, nesse sentido, como processos inerentemente sociais, como hoje pretendem muitos autores de Geografia Física nos estudos sobre recursos naturais e patrimoniais e, de modo ainda mais assertivo, no estudo dos riscos ditos naturais).

Este modo de pensar e de produzir Geografia Física leva os seus obreiros a adotar uma perspectiva de crítica social e de inconformismo perante o

funcionamento do mundo, que faz com que a análise da realidade geobiofísica na superfície da Terra (o objeto maior dos estudos de Geografia Física) seja inseparável da consideração de relações sociais de poder em diferentes escalas.

Independentemente da posição que possamos adotar sobre uma leitura que se pretende recente, mas que sabemos sempre ter estado presente em muitos modos de fazer ciência na Geografia Física no Brasil e em muitos outros países, retomando os pensamentos de Sousa (ob. cit.), chamamos a atenção para outros nomes referidos pelo Autor como elementos, se não fundadores, pelo menos muito ilustrativos desta “corrente” da Geografia Física: Dirce Suertegaray, Roberto Verдум e João Lima Sant’Anna Neto. Garantidamente, muitos outros obreiros da Geografia Física poderiam ser aqui incluídos, mas a presença destes nomes na lista de seguidores de Carlos Augusto Monteiro em muito valoriza, prestigia e dá relevância científica, social e cultural à obra do Mestre que pretendemos, de modo muito singelo, homenagear com estas palavras.

Não sendo, pelo menos dois de nós, conhecedores profundos da obra de Carlos Augusto Monteiro, pelo facto de não trabalharem no Brasil e, mesmo, de não abraçarem diretamente a sua área científica principal, a Climatologia, tentaremos fazer uma leitura, de certo modo pessoal, do seu trabalho científico inovador, das suas qualidades de pedagogo e de fazedor de escola científica, ao fim e ao cabo, da importância que teve no desenvolvimento da Geografia e da Climatologia no Brasil e um pouco também por esse mundo fora. Apesar de pouco conhecedores da sua obra, cruzámo-nos várias vezes, em diferentes situações e contextos, com Carlos Augusto Monteiro e pudemos admirar a inteligência da sua palavra, a lucidez do seu pensamento, a cultura com que impregnava os raciocínios geográficos que transmitia direta ou indiretamente através da sua obra, a forma e a energia que sempre colocou no seu trabalho de homem de elevada cultura ao abraçar as funções de cientista e de pedagogo, quer dizer ao “ser climatólogo” e ao “ser geógrafo”.

Assim, com base no que conhecemos da sua obra, na pouca bibliografia de que dispomos, tanto dele como de alguns dos seus seguidores reconhecidos, bem como dos contactos pessoais havidos, tentaremos deixar um testemunho coletivo de apreço pela sua obra e de gratidão pela Geografia que nos deixa. Tentaremos fazer este texto realçando três pontos fundamentais do seu percurso académico: o seu

caráter inovador na Climatologia Geográfica⁶, o seu papel de geógrafo preocupado com a procura geossistémica como objeto principal de uma Geografia unificada e unificadora⁷, bem como a relação que, de ponto de vista pedagógico, mas também no plano científico, o autor procura entre a Geografia e a Arte⁸.

Como referimos, cruzámo-nos poucas vezes com Carlos Augusto Monteiro. No entanto, estas foram suficientes para admirar a sua palavra, a lucidez do seu pensamento, a cultura com que impregna os raciocínios geográficos, a forma e a energia que sempre colocou no seu trabalho de “ser climatólogo” e “ser geógrafo”.

Guardámos, por isso, importantes recordações dos encontros em reuniões científicas e, nomeadamente dos Seminários Latino-americanos de Geografia Física, em Havana, Cuba, no ano de 2000, e em Maringá, no Brasil, no ano de 2006, onde o Mestre proferiu a Conferência de Abertura com o tema “As inquietações sobre o futuro da Geografia” para um vasto público de geógrafos nacionais e estrangeiros (entre os quais estavam Archimedes Perez Filho, Helmut Troppmair, José Bueno Conti, José Mateo Rodriguez, Edson Vicente da Silva (Cacau), Tereza Reyna, Francisco Mendonça, Arnaldo Sakamoto, Margarete Amorim, César Leal, entre muitos outros). Após a abertura do evento, este grupo, em que alguns de nós estiveram incluídos, teve o gosto de jantar com o Prof. Carlos Augusto Monteiro, na Casa Portuguesa, de Maringá! Que tempo bom!

Na conferência de abertura, parafraseando Louís Begley, Carlos Augusto Monteiro deixa, como nota pessoal:

“A cada nova história, deixamos no papel nossos tesouros mais escassos e preciosos, lembranças de pessoas, lugares e acontecimentos, alegrias e mágoas ocultas, triunfos e humilhações, o “eu” que já se transformou tantas vezes, o “eu” que tínhamos por secreto (ou que gostaríamos de manter assim)”.

A propósito da sua entrada na Geografia, refere uma orientação vocacional em História, tendo sido capturado para a Geografia, graças ao Prof. Francis Ruellan, que valorizava muito os trabalhos de campo. Afirma-se muito tímido, para justificar a sua opção pela Geografia Física, porque esta pode ser investigada a partir de

⁶ - Como a maior parte da obra do nosso homenageado se centrou nos estudos sobre a Climatologia e a atmosfera, deixaremos para outros a análise mais detalhada desta sua faceta científica, pelo que faremos apenas algumas breves referências utilizando, para este efeito, algumas leituras dos livros de Amorim; Sant’Anna Neto e Monteiro (2013) e Monteiro; Sant’Anna Neto; Mendonça e Zavattini (2015).

⁷ - De entre muitos, referiremos Monteiro (2000 e 2008).

⁸ - Carlos Augusto Monteiro, um homem muito culto, procurou sempre trazer para a sua obra científica a arte que o alimentava e com que queria valorizar a sua Geografia. Dois exemplos: Monteiro (2002 e 2005).

observações ou de entrevistas mais impessoais (“Qual o período das chuvas aqui?” Ou “qual é a profundidade do seu poço para obtenção de água?”), que as da investigação em Geografia Humana, em regra mais pessoais e, conseqüentemente, mais sensíveis e mesmo embaraçosas.

Sobre as características da Geografia Física e da Geografia Humana, afirma que “os geógrafos da Geografia Humana podem se dar ao luxo de esquecer a Natureza. Mas, para nós da Geografia Física, mesmo que quiséssemos, não era possível esquecer o Homem”. “A Geografia tem algo especial: o Homem e a Natureza. Por isso, a Geografia é unitária e esta divisão é apenas um recurso didático. Na verdade, a Geografia que se diz una, é exercida de forma artificialmente bifurcada: Geografia Física *versus* Geografia Humana”. E, sobre o futuro da Geografia, afirma categoricamente: “A divisão Geografia Física - Geografia Humana enfraquece a Geografia! É preciso um retorno ao “antigo”: um retorno ao estudo das relações Sociedade-Natureza.

É uma pessoa enérgica, mas que sentíamos um pouco entristecida, que nos fala de si, para falar de Geografia, e que nos fala das contradições da sua Ciência para nos mostrar um pouco de si próprio. Pois, como refere Mário Quintana:

“A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já é 6ª Feira.
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado..
Se me dessem um dia outra oportunidade,
Eu nem olharia o relógio.
Seguiria sempre em frente
E iria jogando pelo caminho
A casca dourada
E inútil das horas”.

Fotografia 1 - Carlos Augusto Figueiredo Monteiro em Maringá (2006) no IV Seminário Latino-Americano de Geografia Física.



Fonte: Lúcio Cunha.

O “fundador” da Climatologia Geográfica

Ainda com base na conferência inaugural do Seminário de Maringá, Carlos Augusto Monteiro confessou a sua paixão pela História e, em segundo lugar, pela Geomorfologia. No entanto, acabou por optar por uma área mais carente: a da Climatologia. Dessa época, recorda: “a Climatologia não era dinâmica. O que me influenciou foi a leitura da obra de Maximilien Sorre. O clima, para a Climatologia dessa época, correspondia apenas ao estado médio dos elementos do tempo num dado lugar”. Então, era preciso acrescentar dinâmica ao estudo do Clima e esta inovação se deu a partir do estudo da Dinâmica Atmosférica, abordagem já conhecida desde 1917. “Eu não inventei a pólvora”, afirma Carlos Augusto Monteiro... “No entanto, eu inovei o estudo do clima a partir da dinâmica das massas de ar”. E, com humildade, continua: “É importante ressaltar que quando a gente pretende dar uma contribuição, não significa que a gente está querendo substituir contribuições anteriores”. A sua ideia era, tão só, acrescentar!

Refere a necessidade de ter a noção da estrutura dos processos atmosféricos, ou seja, de um estudo do clima entrado na dinâmica atmosférica, como terá utilizado na contribuição que considera mais importante, o estudo que realizou sobre o clima no estado de São Paulo, obra que, talvez por isso, levou dez anos para ser publicada!

Carlos Augusto Monteiro foi, de facto, inovador nas perspectivas que trouxe aos estudos climáticos, a partir dos anos 50 do século passado (Monteiro et al., 2015), a data do seu primeiro trabalho (Monteiro, 1951), construído ainda nos seus tempos de estudante e publicado logo a seguir a ter terminado o seu curso de Geografia. Na sequência de um conjunto relativamente numeroso de trabalhos precursores (ver, a propósito, Sant’Anna Neto, 2015), este foi um trabalho realizado na época da “marcha para o Oeste”, com dados de observação meteorológica ainda muito escassos e irregulares, o que significa com utilização “das mais variadas informações geográficas das quais aflorassem informações indiretas sobre as condições climáticas”. No entanto, o Autor manifesta já uma preocupação integradora, ao “relacionar o clima a outros fatos da realidade geográfica”.

Os anos até 1965 terão sido anos de formação e de afirmação do seu interesse pela Climatologia, inspirado por autores estrangeiros nomeadamente por A. N. Strahler e P. Pedelaborde, pelas abordagens dinâmicas dos estudos da atmosfera, ao mesmo tempo que mergulhava na análise sistemática dos meteorologistas brasileiros Adalberto Serra e Leandro Ratisbonna. Na época publicou alguns textos em que pretendia uma revisão conceptual do Clima na Geografia, com base na dinâmica atmosférica extraída dos estudos meteorológicos. Para além desta preocupação metodológica e de índole regional, com base no Brasil do Sul, surge também, entre muitos outros, um primeiro texto que relaciona diretamente a abordagem dinâmica do Clima com os seus impactos, nomeadamente sobre um espaço geográfico desorganizado e vulnerável, ou seja, estudando diretamente os riscos climáticos (Monteiro, 1965).

Segundo Monteiro, 1964 terá sido um ano de viragem, depois de vários textos dirigidos sobretudo aos docentes do Ensino Médio da área da Geografia, sempre insistindo na transferência da análise climática do modelo separativo de Julius Hann para o modelo sintético e integrador de Max Sorre, ao mesmo tempo que impunha a Climatologia na Geografia, seja na sua relação com os riscos, seja no seu significado como recurso turístico (Monteiro, 1968). A tese de doutoramento defendida em 1967 e publicada sob a forma de livro dois anos mais tarde (Monteiro, 1968), dá início à verdadeira revolução feita por Carlos Augusto Monteiro em termos de fundação, estruturação e desenvolvimento da “Climatologia Geográfica”, ao utilizar os conceitos dinâmicos de tipo de tempo, de ritmo climático (bem realçado por Sant’Anna Neto, 2015, e por Zavattini, 2015), de integração geográfica e de aplicação da Climatologia a outras esferas do espaço geográfico. A construção do

raciocínio e dos modelos climáticos de Monteiro cruza a Filosofia com a Física, o espaço com o tempo, a Meteorologia com a Geografia, o Brasil com o Mundo, numa intrincada complexidade relacional que leva, através da análise rítmica que propõe, a novas classificações climáticas e a novas utilizações dos estudos climáticos (ver Sant'Anna Neto, 2015, fig. 1.1, p. 50).

Foram muitos os trabalhos apresentados no país e no estrangeiro, assim como foi enorme o prestígio alcançado pela Geografia brasileira através da obra que estava a construir...

Mas, estava por chegar o tema em que o trabalho de Climatologia do nosso homenageado foi, porventura, mais conhecido, considerado mais importante e mais prestigiante, tanto no Brasil como no estrangeiro. Trata-se da Climatologia urbana e do estudo do "Sistema Clima Urbano (SCU)", cujos trabalhos se iniciaram em 1975, com a sua tese de titulação académica apresentada na USP (Monteiro, 1976). A virada dos anos 1960 para os anos 1970 foi um tempo de forte mudança no mundo, com intensificação do modo de vida urbana, com todas as suas contradições, e onde o processo de urbanização gerou "regiões metropolitanas, onde o improvisado (ilegal) superava, de muito, o planeado (legal). Em termos genéricos o caos superava a ordem". "Concentração de população, estruturação social, produção económica e, pelas funções e múltiplos serviços do espaço urbano, também núcleo de polarização e organização do espaço, e tudo o mais que daí decorre, a cidade é, também, o lugar de mais efetiva interação entre o Homem e a Natureza" (Monteiro, 2015, p. 85 e 86). O estudo climático da cidade continua a ser servido pela leitura dinâmica do clima e pelos ritmos da sucessão habitual de tipos de tempo. Por outro lado, pretende-se muito mais que estudar as condições atmosféricas impostas pela aglomeração urbana na baixa atmosfera, ou seja, "sobre a cidade", estudar as condições climáticas no espaço de vida do homem urbano, ou seja as condições do ar "dentro da cidade".

Em relação ao SCU, Mendonça (2015, p. 156) considera que este tenha tido uma enorme importância no estudo e na gestão dos ambientes urbanos, porque orientou muitos dos "trabalhos da Escola Brasileira de Climatologia urbana, dando mesmo origem a desdobramentos qualitativo-temáticos que funcionam como base para a compreensão e diagnose dos problemas atinentes ao clima urbano"... Só no intervalo entre 1990 e 2010, Mendonça (ob. cit., p. 162) contabiliza 274 trabalhos de Climatologia urbana, em que a grande maioria utiliza a proposta SCU, no todo ou em parte, em cidades de diferentes dimensões que vão das grandes regiões

metropolitanas a cidades médias ou, mesmo, de pequena dimensão... A maior parte destes trabalhos centrou-se no subsistema termodinâmico do clima urbano, numa busca da importância aplicada, nomeadamente para os impactos do clima urbano em termos de riscos e vulnerabilidades socio-ambientais. “A vitimização de um número cada vez maior de pessoas e da economia pelos eventos naturais-climáticos extremos coloca em evidência o interesse pelo tema nas últimas décadas e, na maior parte das vezes, os meios de comunicação e alguns cientistas apressados relacionam-nos às mudanças climáticas globais. Esta perspetiva aponta para uma nova e necessária orientação dos estudos de clima urbano no Brasil que se têm servido, como base, da proposta teórico-metodológica de Monteiro”, escreve Mendonça (2015) acerca do Brasil, como se poderia escrever em Portugal ou na generalidade dos países ao redor do Globo...

A Portugal, chegaram também as influências dos trabalhos de Carlos Augusto Monteiro neste domínio da Climatologia e as primeiras teses de Doutoramento em Climatologia Urbana (Alcoforado, 1988; 1992; Monteiro, 1993; 1997) utilizam os trabalhos do nosso homenageado e, muito particularmente, o trabalho fundador do Sistema Clima Urbano (1976).

Como referimos, esta apresentação é demasiado curta e, porventura, generalista, se atendermos à importância que a análise climática teve no conjunto da vasta obra de Carlos Augusto Monteiro. De qualquer modo, pretendemos com ela frisar três aspectos que consideramos fundamentais: a construção de uma escola de pensamento geográfico com relevância internacional, a partir de um conhecimento profundo do trabalho científico já realizado; a aplicação aos estudos ambientais e territoriais com integração de escalas; a criação de um modelo ou de um sistema de análise para o clima urbano que permitiu uma aplicação aos estudos de riscos climáticos e de vulnerabilidades socialmente diferenciadas.

Os Geossistemas como fundamento de uma Geografia integrada e aplicada

A partir anos 1960, a Ciência, em geral, e a Geografia, em particular, começam a ser marcadas por uma perspectiva cada vez mais disciplinar e, conseqüentemente, separativa, e pela tendência para uma forte especialização técnica, muitas vezes de cariz quantitativo, que desfavorecia a abordagem científica através de estudos integrados e pluridisciplinares. No campo científico da Geografia, começam a ser raros os estudos que aproximavam, para um determinado objeto ou

para uma determinada escala de análise, abordagens disciplinares distintas, de Geografia Física e de Geografia Humana. Mesmo quando o objeto de estudo era amplo e necessariamente abrangente como no caso da análise ambiental, do ordenamento do território ou da categorização de paisagens, essa perspectiva integradora era evitada... Por isso, a procura da análise geossistémica feita por Carlos Augusto Monteiro merece ser recuperada, entendida e valorizada.

Desde o início da sua carreira universitária, em Florianópolis e, depois, em Rio Claro e Brasília, que Carlos Augusto Monteiro manifesta preocupações de articulação entre os aspetos físico-naturais e os aspetos humanos (Monteiro, 2000), nomeadamente ao considerar, ainda nos anos 60 do século passado, a influência antropogénica na Geomorfologia Dinâmica e no estudo das mudanças climáticas, bem como ao procurar “com insistência” uma articulação dos factos ditos físicos com os factos humanos.

Na obra de 2000, Carlos Augusto Monteiro traça a história da sua procura dos geossistemas, uma das trajetórias que percorreu na busca de um Geografia atualizada e útil, dividindo-a basicamente em três grandes períodos: o período inicial ou “das preocupações subjacentes (1960-1967)”; o período do encontro ou “das revelações e dos primeiros experimentos (1968-1977)”; e o período de trabalho no tema ou da “aplicação e avaliação crítica (1978-1989)”.

Desde o início da carreira, até ao seu doutoramento em 1967, o autor foi procurando e mostrando, quer aos seus estudantes, quer aos colegas investigadores, geógrafos e não geógrafos, a articulação de factos diversos que podem conduzir a uma Geografia integradora, como aconteceu com um dos seus primeiros trabalhos tecnico-científicos, que foi o estudo coletivo e, de certa forma interdisciplinar, que coordenou sobre a região do Baixo S. Francisco, em que foi procurada a “montagem de um quadro de correlações, onde as unidades espaciais acompanhadas dos seus atributos, serviam para facilitar a compreensão das suas inter-relações, fazendo emergir os problemas fundamentais do todo considerado”. Este entendimento metodológico está exposto na figura 2 do seu livro de 2000, em que podemos distinguir para um conjunto de quatro grandes unidades morfo-estruturais, a sua subdivisão e relações com a geologia, por um lado, e com os tipos de ocupação humana e as atividades que a representam, por outro... Assim procurava a integração de dados espaciais na génese e na evolução das categorias geográficas em análise, aspeto teórico-metodológico que depois desenvolve com os

seus alunos de Brasília, a partir dos muitos dados do Relatório Belcher, estudo que serviu de base à implantação da nova capital federal.

O período de encontro com os trabalhos de Geografia baseados na análise geossistêmica acontece depois da entrada de Carlos Augusto Monteiro na Universidade de S. Paulo, na qualidade de Assistente do Professor Aziz Ab'Saber. Num período de transformação tumultuosa no Brasil e no Mundo, a Geografia reorganiza o seu ensino universitário e, naturalmente, as temáticas principais de investigação, mantendo, no entanto, o valor e significado epistêmico da categoria “paisagem”, ainda que arredada aos poucos da influência matricial da escola francesa.

No âmbito da organização e da lecionação da unidade curricular de “Fisiologia da Paisagem”, o nosso homenageado, valoriza a “evolução integrada da paisagem” através de estudos de caso, com forte incidência no trabalho de campo, estudando, por exemplo, os perfis de solos na sua relação com a posição que ocupam na vertente (catenas). A verdadeira entrada na perspectiva geossistêmica de análise geográfica parece ter sido a publicação de Bertrand (1968) que contém a “proposta de paisagem e de Geografia Física Global através do Geossistema, que emerge como novo paradigma”, tendo este artigo sido logo muito bem aceite no Brasil e, no caso da USP, incluído nos programas de Geografia a distribuir aos estudantes, desde 1970. O conceito de Geossistema, um conceito central e centrífugo (Bertrand, 1982), assenta no tríptico potencial ecológico, exploração biológica e ação antrópica, não muito diferente da articulação entre os meios abiótico, biótico e antrópico que dá corpo ao objeto da Geografia e, dentro dela, ao da Geografia Física.

Vários contactos do Professor Carlos Augusto Monteiro, com outros mundos, outros autores e outras Geografias, como, por exemplo, com Sotchava e a sua equipa, em 1976, na Sibéria, ajudaram-no a distinguir algumas subtilezas dos modelos geossistêmicos de Bertrand, mais assentes na importância do relevo, e de Sotchava (1978), que dá mais importância à Biogeografia e aos ecossistemas, já que o primeiro terá tido como referência empírica a Geografia pirenaica, enquanto o segundo se baseia na configuração siberiana. A influência das ideias de J. Tricart e, nomeadamente, dos seus textos de 1977 e 1978, contribuiu também para esta leitura de uma Geografia mais integrada e conjuntiva (Monteiro, 2000), que foi passando a dezenas de estudantes através das unidades curriculares de “Fisiologia da Paisagem” e de “Introdução à Pesquisa em Geografia Física”.

O terceiro período desta procura ou desta sua recordação diz respeito ao período entre 1978 a 1989 e corresponde ao que o Autor apelida um tempo de “aplicação e avaliação crítica”. Neste período já Carlos Augusto Monteiro estava muito comprometido com a sua “Climatologia Geográfica” e esta fase ter-se-á iniciado com uma comunicação, a que chamou “Derivações antropogénicas dos sistemas terrestres no Brasil e alterações climáticas” (1978), numa reunião científica dominada por investigadores de Biologia, muito mais interessados no conceito de “Ecossistema”, onde desenvolveu a conceção de “Geossistema” e de análise integrada em Geografia, capazes de justificar, por exemplo, as “mudanças climáticas”, uma vez que as “dinâmicas climáticas não poderiam estar dissociadas – sobretudo no que diz respeito às mudanças antropogénicas – das demais esferas componentes do ambiente”.

Para Carlos Augusto Monteiro “o referencial teórico do Geossistema, aliado àquele económico dos nossos recursos, está associado ao referencial técnico da avaliação ambiental”. Isto permite que o “tratamento geossistémico, enquanto visa a integração das variáveis naturais e antrópicas (*etapa de análise*), fundindo recursos, usos e problemas (*etapa de integração*) em unidades homogéneas, e assumindo um papel primordial na estrutura espacial (*etapa de síntese*), conduza ao esclarecimento do estado real da qualidade do ambiente (*etapa de aplicação*)”. Foi com esta perspetiva, juntamente com a integração dos dados climáticos na análise geossistémica, que o autor trabalhou “A compatibilização dos usos do solo e a qualidade ambiental da Região Central da Bahía” (1981), bem como a “Qualidade ambiental na Bahía - Recôncavo e regiões limítrofes (1987) e muitos outros trabalhos e intervenções em que participaram os seus alunos, mesmo no momento em que se aposentou das tarefas de Ensino Universitário. Claro que estas abordagens não foram, para o Autor, isentas de autocrítica, nomeadamente no que diz respeito à escala de aplicação e à dificuldade em cultivar o estudo interdisciplinar num tempo de caminho para a forte especialização, entre outros.

A terminar este pequeno mas muito útil livro, questiona: “E agora ao encerrar minha carreira, e refletir sobre o que me foi dado fazer nessa árdua vivência de aprendiz de geógrafo, eu me pergunto se há, verdadeiramente, algo de tão extraordinário ou novo nas minhas tentativas de detetar geossistemas como meio de perceção de qualidade ambiental, sugerindo manchas dotadas de alguma *solidariedade espacial*, plasmada sobretudo pela ação humana”. Mas, depois de um olhar crítico retrospectivo, mantém um forte otimismo ao perspetivar o futuro e,

particularmente, a evolução das técnicas de modelação e de cartografia associadas ao geoprocessamento, claramente propiciadoras de uma comunicação cartográfica integradora e fortemente aplicada.

Seja como for, olhando de modo mais otimista ou mais pessimista para as leituras integradas da Geografia e para a análise geossistémica, bem como para o seu significado nos estudos ambientais, nas análises territoriais ou nos processos de coesão ou de competitividade regionais, o certo é que o geossistema se foi desenvolvendo, tanto como categoria geográfica de análise, como constituindo um percurso metodológico para análise geográfica, na sequência do modelo GTP (Geossistema – Território – Paisagem) de Bertrand e Bertrand (2007), que tem vindo a ser progressivamente utilizado no Brasil para as mais diversificadas análises geográficas, em distintos contextos espaciais e a diferentes escalas (Passos, 2021).

Também neste tema e nesta busca, a pesquisa de Carlos Augusto Monteiro foi pioneira, premonitória e trouxe à Geografia importantes resultados.

Geografia, Literatura e Arte

A apreciação global da obra do Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro mostra que o autor abraçou em idade avançada uma nova linha de investigação, que o aproximou de uma Geografia Humanista, por afinidade com a sua sensibilidade pessoal ou pela “tomada de consciência da necessidade de elaborar um conhecimento (episteme) bem mais conjuntivo e que, ao mesmo tempo, carece urgentemente da promoção de um novo humanismo” (Monteiro, 2005). O balanço desta última fase da sua produção científica permite destacar três coordenadas que ajudam a ler e interpretar um período em que:

- (i) aprofundou o diálogo do geógrafo com as Artes (literatura, cinema, pintura, etc.) enquanto mais um caminho em demanda da unidade da Geografia, perspectiva que acreditava ser mais consentânea com “*um conhecimento bem mais conjuntivo*” e a “*promoção de um novo humanismo*”;
- (ii) explorou a relação entre a Literatura e Geografia com o intuito de almejar uma leitura mais holística dos territórios, explorando o “*conteúdo geográfico em criações romanescas*”;
- (iii) não se limitou a ser, unicamente, um estudioso passivo das Artes e da Geografia que elas comportam, pois, a avaliar pelo material que deu a conhecer, revelou a faceta dum verdadeiro produtor artístico.

O seu empenho neste tipo de investigação, tão inovadora no seu percurso académico, decorre da consciência que a transversalidade das Artes e o potencial que oferecem são importantes para robustecer a unidade da Geografia, causa que lhe era cara, em que acreditava e pela qual se bateu. Este pensamento, que concebia uma Geografia sem os apartados clássicos entre Física e Humana, levou-o a promover o diálogo da Geografia com a Literatura e a Arte, aproximação em que foi pioneiro e mestre, dando a conhecer, em primeira mão, a uma geração de novos geógrafos, um universo sem fronteiras e um campo de investigação que é um mundo ainda por explorar na sua plenitude.

A Literatura é, como se sabe, um palco do mundo que coloca à disposição dos leitores e, nomeadamente dos geógrafos, informações pertinentes, desde as vivências das personagens a um manancial de detalhes, materiais e intangíveis, que são imprescindíveis para compreender com maior profundidade os territórios, os lugares, as paisagens e as pessoas que os habitam. Ao descodificar a trama dum dado romance estamos a ir ao encontro do “Homem, ser social, vivendo num dado espaço, num certo tempo, em sua travessia lida com a realidade – moldura de sua ‘identidade’ –, e o metafísico (a sobrecoisa) – que lhe traça o ‘destino’” (Monteiro, 2002, p. 221). É neste quadro que devemos situar as suas abordagens sobre estas matérias cujos textos mais significativos reuniu em *O mapa e a trama. Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas (2002)*. Os sete ensaios aqui compilados⁹, contudo, não esgotam toda a produção do geógrafo sobre a matéria, pois publicou outros trabalhos versando assuntos literários, tanto a montante como a jusante daquela data. É de destacar outro livro, *Geografia Sempre. O Homem e seus Mundos (2008)* onde, numa segunda parte que intitulou *Espaço geográfico e arte*, incluiu três capítulos bem elucidativos sobre literatura, cinema e pintura: 6. O pacto das veredas mortas; 7. O homem arcaico e a sacralização da Terra; 8. A pintura de Miguel Dutra (1810-1875) e o seu significado geográfico.

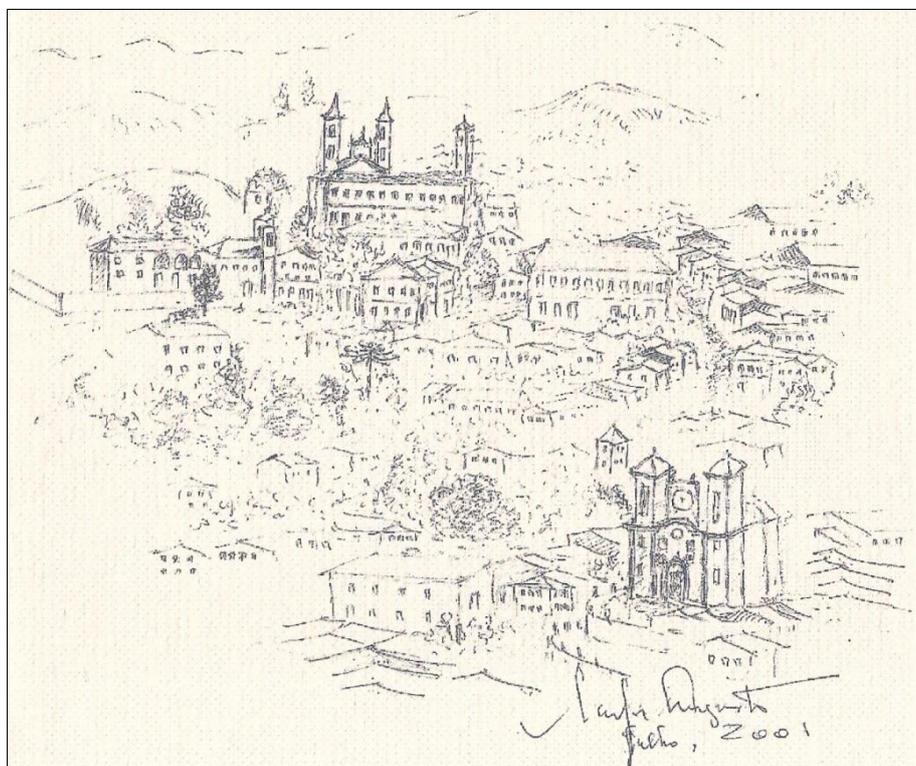
⁹ Os ensaios reunidos em *O mapa e a trama* receberam títulos com perspicácia e grande sentido geográfico: 1. A percepção holística da realidade do sertão a partir de um mosaico romanesco: Corpo de Baile de Guimarães Rosa; 2. Realismo Literário e determinismo geográfico em O Cortiço de Aluísio de Azevedo; 3. Materialismo Histórico e espaço Geográfico em Vilas Secas de Graciliano Ramos; 4. Algumas possíveis reflexões sobre o urbano carioca (O Cortiço) e o rural nordestino (Vidas Secas); 5. O delírio na indiferença e a esperança no desencontro – o conteúdo geográfico de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto; 6. Imigração, transculturação e identidade nacional – Atualidade do modernismo no romance “Canaã”, de Graça Aranha; 7. O espaço iluminado no tempo volteador – conjecturas sobre o conteúdo geográfico no Sertão de Guimarães Rosa.

Nestes livros (*O mapa e a trama* e *Geografia Sempre*), como em outros artigos avulsos, analisa várias obras literárias que cobrem um arco temporal dilatado, apesar de versarem temáticas convergentes. Com estes ensaios o autor destaca o quotidiano pesado de muitos brasileiros, como muitos geógrafos o fizeram e continuam a fazer de modo mais canónico, recorrendo às técnicas e aos preceitos geográficos, onde evidencia a diversidade e os contrastes da Geografia vivida nos vários “*brasis*” deste vasto país. Contudo, por considerar que “*a realidade do conteúdo geográfico transcende a simples visualização do concreto da paisagem*” (Monteiro, 2010, pp. 125-126) acaba por concluir que não se pode exigir à Literatura o que esta não pode facultar. Por isso, “*não teria sentido fazer cobranças do trivial geográfico já que um romance não é um manual de Geografia, sobretudo uma velha corografia. Importa muito desvendar as relações entre o sistema do real geográfico e aquele dos símbolos ou signos artísticos*” (Monteiro, 2002, p. 233).

Os caminhos da Arte e da Geografia são, cada vez mais, (entre)cruzados com consequências metodológicas e epistemológicas no campo duma ciência de charneira ou mesmo de síntese entre várias outras ciências, naturais e sociais, preocupada com os lugares, os territórios e as paisagens. As técnicas de análise e de divulgação dos resultados a que recorre a Geografia vão da cartografia à fotografia ou do desenho aos esboços esquemáticos, recorrendo a formas de expressão gráfica, mais sóbrias ou mais elaboradas, mais analíticas e rigorosas ou mais sintéticas e imaginativas, que são impregnadas pelas Artes, por estas emprestarem força, emoção e estética à mensagem científica que pretende transmitir.

A sensibilidade estética de Carlos Augusto Monteiro transparece no que produziu, tanto nas ilustrações dos trabalhos de investigação, desde cartografia específica e blocos diagrama, a desenhos, esboços e croquis interpretativos, como nos cartões pessoais, primorosamente ilustrados, que usou para comunicar com os amigos.

Figura 1- Cartão de Natal de 2006 onde colocou, a par dum desenho de Ouro Negro, um apontamento pessoal e a passagem dum poema de Carlos Drummond de Andrade: “Neste ano de 2007 celebrarei o meu 80º aniversário. Tem sido uma longa travessia enfrentando a MÁQUINA DO MUNDO a partir da estrada pedregosa do Piauí”; “A treva mais estrita já pousara / sobre a estrada de minas, pedregosa, / e a **máquina do mundo** repelida, // se foi miudamente recompondo / enquanto eu, avaliando o que perdera, / seguia vagaroso, de mãos pensas”.



Fonte: Monteiro.

No livro “Geossistemas: a história de uma procura”, Monteiro (2000) justifica os múltiplos desenhos, figuras e esquemas ilustrativos com dois argumentos principais: o poder de comunicação que estas ilustrações transmitem enquanto complemento ou reforço do seu texto; o seu significado em termos de posicionamento intelectual e de valorização do pensamento do autor no momento exato em que os desenha e integra no texto (Monteiro, 2000, p. 9). Esta articulação entre o raciocínio geográfico e as ilustrações, sejam elas mapas, esquemas, fotografias ou simples desenhos, pela força e significado que imprimem à leitura, complementam de modo direto o pensamento do autor e incrementam a energia da comunicação que pretende estabelecer com os seus pares, os seus alunos e os seus leitores. Em outros casos, como em “Introdução à História da Amazônia brasileira”, Monteiro (2012) utiliza outra estratégia no relacionamento com as Artes ao recorrer à cartografia antiga e demais iconografia artística para obter o mesmo efeito comunicacional.

O que se acaba de referir revela a faceta dum artista com um modo próprio e peculiar de se expressar. Foi esta dimensão que motivou a sua inclusão na Exposição “Imaginar o Território: Geografia e Poética do Olhar”, com curadoria de Rui Jacinto, realizada em 2016, no âmbito do “Projeto Transversalidades. Fotografia sem Fronteiras”. A exposição foi, por outro lado, a maneira de aprofundar um diálogo entre diferentes gerações de geógrafos portugueses (Alfredo Fernandes Martins, José Manuel Pereira de Oliveira e Jorge Gaspar), espanhóis (Valentin Cabero Diéguez) e brasileiros (Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Messias Modesto dos Passos e Rogério Haesbaert).

O evento, por outro lado, inscreve-se numa estratégia que tem vindo a ser prosseguida com o destino de estreitar o contacto entre a Geografia portuguesa e a Geografia brasileira, ainda relativamente desconhecidas entre si, mas cuja permeabilidade torna imperioso conhecer melhor os seus protagonistas. Os vários catálogos publicados entre 2013 e 2023, no âmbito projeto “Transversalidades - Fotografia sem Fronteiras” reuniram mais de 30 geógrafos portugueses e 30 geógrafos brasileiros que publicaram lado a lado. Importa referir que, tanto quanto conhecemos, os dois únicos trabalhos de Carlos Augusto publicados em Portugal aconteceram precisamente no âmbito desta iniciativa¹⁰.

Como nos ensinou Carlos Augusto Monteiro, “*os lugares do homem, em suas diferentes configurações (...) não são objetos de preocupação apenas para os geógrafos, no campo científico, pois que são facilmente identificáveis no domínio das artes*” (2008). Por tudo isto, a importância da cumplicidade biunívoca entre Arte e Geografia reside, antes de mais, no significado que a escrita e a imagem acrescentam à leitura e interpretação dos territórios.

Considerações finais

Tal como foi escrito em homenagem anterior, por Bueno Conti (2007)¹¹, o Prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro preferia ser reconhecido como

¹⁰ *Paisagens, Olhares, Desenhos* foi o título do Painel de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro cujas imagens integram o catálogo da Exposição “*Imaginar o Território: Geografia e Poética do Olhar*”, publicado no Nº 12 de *Iberografias. Revista de Estudos Ibéricos* (Centro de Estudos Ibéricos, 2016, pp. 180-186).

O outro título foi: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2014 [2021]). Grande sertão: veredas. O Homem, o Campo e suas (inter)relações. In Rui Jacinto (Coord.). *Geografia sem fronteiras: Diálogos entre Portugal e o Brasil*. Coleção *Iberografias*, CEI-Âncora, Guarda, 41, pp. 245-249.

¹¹ - Geógrafo brasileiro recentemente falecido, a quem prestamos também a nossa sentida homenagem.

Geógrafo que como Climatólogo, ainda que se tenha dedicado maioritariamente aos estudos sobre a Atmosfera. E, de facto, todo o seu trabalho académico parece ter sido voltado para uma Geografia que pretendia nova, integradora e com forte valor social. A Geografia esteve sempre presente quando procurava uma Climatologia centrada na análise rítmica que favorecia as análises de pormenor, logo de aplicação. Esta procurava as relações diretas com o espaço geográfico, quando estabeleceu o seu “Sistema Clima Urbano”, que em muito contribuiu para dar a perceber as diferenciadas vulnerabilidades das populações nas cidades desorganizadas e em crescimento rápido, quando buscava os geossistemas que agregavam as diferentes disciplinas de Geografia Física e Humana e as combinavam na busca de soluções para os problemas ambientais e para o Ordenamento do Território, assim como quando utilizava a literatura e a arte como meios de comunicação e de valorização científica.

Foram muitas as influências do Mundo da Ciência exterior ao Brasil que recebeu e que o ajudaram a construir a sua Geografia. Talvez pudéssemos dizer que sempre procurou essas influências. Retrabalhou muitas delas e transportou-as também para fora. Quando nos apercebemos, através das leituras para preparação deste texto, das reações aos seus trabalhos de personalidades com nomes como os de Oke ou de Besancenot, percebemos a importância e relevância internacional do modo de pensar e dos escritos de Carlos Augusto Monteiro.

Figura 2 - Pannel de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro que integrou a Exposição “Imaginar o Território: Geografia e Poética do Olhar” que teve curadoria de Rui Jacinto (2016). Exposição realizada no âmbito do Projeto Transversalidades. Fotografia sem Fronteiras que foi mostrada em Guarda e Coimbra.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Paisagens, Olhares, Desenhos

Os desenhos selecionados pelo Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro se constituem em percursos de vida, modo de ser e o talento para o desenho. Ai estão exibidos desenhos de campo que eram esboços rapidamente feitos, quando não se dispunha de aparelho fotográfico, de modo a fazer o registro das paisagens vistas e estudadas, cujas

anotações e traços preciso se constituem em notas de campo para o posterior trabalho analítico. Os Blocodiagramas ilustrativos de análises científicas rigorosas, expressam a fase de síntese do trabalho de compreensão das paisagens. O exemplar de um informativo de notícias enviadas do Japão, intitulado Jornal

de Terri, produzido com elementos característicos de cada estação do ano, enviados como notícias do professor para seus amigos. Durante sua permanência em Terri, 8 (oito) edições foram produzidas, contendo fotos, desenhos e colagens sobre as principais notícias sobre sua estadia: viagens, visitas a museu, em- fims aspectos da vivência do professor em

suas viagens, que completavam sua estadia no Oriente. Os cartões elaborados para a celebração do Natal e Ano Novo, cuidadosamente preparados, expressos por desenhos de paisagens variadas (monumentos, igrejas, etc.) feitos à nanquim, canetas esferográficas ou crayon, que eram anualmente enviados para seus amigos e colegas professores e pesquisadores. Finalmente estão juntados desenhos que ilustram livros e coletâneas escritos pelo professor, como Tempo de Balaio, editado pela Universidade Federal de Santa Catarina, que introduz a coletânea de 4 volumes, intitulada Rua da Glória, editada pela Universidade Federal do Piauí.

Figura Ilustrativa da obra Rua da Glória (Casa do vol. 1). Bairro O BOMITO, em Alto Itinga, Piauí, 1963.

Desenhos em lápis de Brasília Rio-Santos. Esboço sobre problema ambiental. Remete condições com colagem raspa, julho de 1962. Desenho feito com caneta esferográfica.

Figuras Ilustrativas da obra Rua da Glória, Maranhão Municipal de Teresina, Piauí. Desenhos a nanquim e guache, 1963.

Paisagem da colônia Rio-Santos, julho 1962. Fictício cenário etnográfico.

Amoroso da cidade de Copalim, desenhado de lápis pela Teresina, assim no tempo tornou-se um laboratório de geografia urbana. Desenho feito a nanquim e guache, Itinga, Outubro de 1962.

Figura Ilustrativa da obra Rua da Glória. Casa de comendador Alberto Pedreira Veiga, na esquina da rua da Estrela com o Lago do Poço. Desenho feito a nanquim e guache. Teresina, Piauí, 1963.

Figuras Ilustrativas da obra Rua da Glória. Casa de Sr. Eusebio Rocha, na rua da Glória ao lado do Mercado Público. Desenho feito a nanquim e guache. Teresina, Piauí, 1963.

Figuras Ilustrativas da obra Rua da Glória. Duas fazendas planejadas pertencentes a família Cabral Brando. O desenho superior da fazenda São Domingos hoje está ocupada pelo IAT (Instituto de Terras). O desenho abaixo é de 1963.

Figura Ilustrativa da obra Rua da Glória (Casa do vol. 1). Casa do Capitão Ludgero, bairro do antigo, situada na rua da Glória, Itinga de lápis e guache. Desenho a nanquim e guache. Teresina, Piauí, 1963.

Paisagem da cidade de Karasawa, onde se destaca a sua cobertura, a estrada, no desenho. Desenho feito a nanquim e guache, Itinga, dezembro de 1962.

Paisagem da cidade de Florianópolis, com destaque para ponte Penha, ao fundo. Desenho a nanquim, Março, 1966.

Figura Ilustrativa da obra Rua da Glória. Casa do Major Serritório, ao patamar da estrada, situada a rua Santa Antônia. O cenário e reconstrução do cenário da obra 3). Desenho a nanquim e guache, 1963.

Cartão de campo. Anotações e croqui. Registro de quilômetros e croqui da paisagem feita com o carro em movimento. Balaio, 1979.

Jornal produzido artesanalmente pelo autor em cada estação do ano, onde informava aos amigos sobre suas atividades no Japão. Exemplos do número de 1965.

Cartão de campo com anotações e croqui feitos na Bahia em 1979.

Cartão de anotações de Natal e Ano Novo, 2007. Molho do cardão com desenho da paisagem da Cidade de Ouro Preto, 2007. Foto pelo autor. Perfil do autor em 58 anos. Foto por um amigo no Rio de Janeiro, 8 de maio de 79 por artista anônimo.

Bloco Diagrama do relatório de QUALIDADE AMBIENTAL, REDUÇÃO E REGIÃO LIMITES.

FUNDAMENTOS METEOROLÓGICOS DE SISTEMAS, um trabalho científico geométrico de circulação atmosférica, clima e nuvens.

Bloco Diagrama. Representação tridimensional do sistema atmosférico observado no regime normal de Balaio. Desenho feito com caneta esferográfica, 1986.

SISTEMA DE CIRCULAÇÃO (atmosférico).

Bloco diagrama da parte centro-norte do território planície, com destaque relativo, desenhos e as localidades importantes que compõem a obra Rua da Glória. Desenho feito a nanquim e guache, 1983.

Nascido em Teresina, capital do Estado do Piauí, Brasil (1927), formado em Geografia e História (1946 – 1950) na antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. De 1951 – 1953, fez bobagem do Governo francês, tendo trabalhado na Bretanha, estudando Ciências Sedimentológicas, na Escola Nacional de Agricultura da França. Trabalhou na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, em Florianópolis, atual Universidade Federal de Santa Catarina (1955 – 1959). Em seguida trabalhou na Faculdade de Ciências e Letras de Rio Claro (1960 – 1964), atual UNESP

Universidade Estadual Paulista, Instituto Geográfico no Instituto de Geociências da Universidade de Brasília (1966 – 1967). Passa depois a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em seu Departamento de Geografia (1968 – 1969), onde ministrou várias disciplinas e fundou o Laboratório de Climatologia. Nessa universidade obteve título de grau acadêmico: Doutorado (1967), Professor Livre-Docente em Geografia Física (1975), Professor Adjunto (1979) e Professor Titular em 1983. Nessa universidade fez orientações de dissertações de mestrado e teses

de doutorado de 1971 a 1987, quando se aposentou. Esteve vinculado ao FIBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 1947 a 1967. Foi membro do Conselho de Problemas Ambientais, presidido pelo Acadêmico russo Gerasimov, na UCI – União Geográfica Internacional, (1976 – 1987). Foi professor visitante pesquisador junto a Universidade de Tula (setembro de 1982 – fevereiro de 1983). Em seguida, colaborou com o Departamento de Estudos Brasileiros da Faculdade de Estudos Interacionais de Cultura, na Universidade de Terri, Província de Nara (1995 – 1997), onde no

Japão, Colaborou como professor – visitante no Programa de pós-graduação em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis) e Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte). Recebeu títulos de Doutor Honoris Causa das universidades: Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), Universidade Federal do Piauí (2007), Universidade Federal de Santa Catarina (2008), Universidade Federal da Bahia (2012) e Universidade Estadual de Alagoas (2016). Em 2003 recebe o título de Professor Emérito, da Universidade de São Paulo.

IMAGINAR O TERRITÓRIO: GEOGRAFIA E POÉTICA DO OLHAR

Fonte: Exposição “Imaginar o Território: Geografia e Poética do Olhar”, com curadoria de Rui Jacinto.

Finalmente, estamos seguros que a clareza dos seus modelos, o modo elegante e culto como passava as suas mensagens científicas, a preocupação com as injustiças da Sociedade, a enorme dedicação à causa científica que deixava transparecer, foram fundamentais para, sem ser essa a sua intenção primeira, ter criado uma Escola de “Climatologia Geográfica” e para nos ter deixado uma leitura muito particular, inovadora e útil da Geografia.

Professor Doutor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, muito obrigado pelos caminhos que nos mostrou e pela Geografia que nos deixa!

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, M. J. **O clima da região de Lisboa – Contrastes e ritmos térmicos**. Tese de doutoramento em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa. 1988. Republicada com o mesmo título em Memórias do Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 15, 1992.
- AMORIM, M. C. C. T.; SANT’ANNA NETO, J. L. e MONTEIRO, A. **Climatologia urbana e Regional. Questões teóricas e estudos de caso**. Outras Expressões. S. Paulo, 2013.
- BERTRAND, G. Construire la Géographie Physique. **Hérodote**, Paris, 26, pp. 90-116, 1982.
- BERTRAND, G. e BERTRAND, C. **Uma Geografia Transversal e de travessias. O meio ambiente através dos territórios e das temporalidades** (Tradução de Messias Modesto dos Passos). Editora Massoni, Maringá, 2007.
- CONTI, J. B. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, o geógrafo. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, 21, pp. 11–14, 2007.
- LAVE, R.; BIERMANN, Ch. e STUART, N. (orgs.) - **The Palgrave Handbook of Critical Physical Geography**, Londres, Palgrave, 2019.
- MENDONÇA, F. A. O estudo do SCU – Sistema Clima Urbano – no Brasil. Aplicações e avanços. In: MONTEIRO, C. A.; SANT’ANNA NETO, J. L. S., MENDONÇA, F. A.; ZAVATTINI, J. A. - **A construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Alínea Editora, Campinas, pp. 155-166, 2015.
- MONTEIRO, C. A. Calamidades meteorológicas do Brasil meridional em Agosto de 1965. Crónica geográfica. **Revista Geografia**, Rio de Janeiro, XXXV (63), pp. 171-178, 1965.
- MONTEIRO, C. A. F. **A frente polar atlântica e as chuvas de Inverno na fachada sul oriental do Brasil (contribuição metodológica à análise rítmica dos tipos de tempo no Brasil)**. S. Paulo, USP, Série Teses e monografias, 1, 1969.
- MONTEIRO, C. A. F. **Aula Inaugural: o sentimento do Mundo entre a Ciência (Geografia) e a arte (Poesia Dramática) no Nascedouro do Brasil**. São Paulo, Universidade de S. Paulo, 2005.
- MONTEIRO, C. A. F. **Clima**. In: Geografia do Brasil, Grande Região do Sul, IV (1, cap. III), 2ª ed. Rio de Janeiro, IBGE, p. 160, 1968.
- MONTEIRO, C. A. F. **Geografia sempre. O Homem e os seus mundos**. Campinas, Edições Territorial, 2008.
- MONTEIRO, C. A. F. **Geossistemas. A história de uma procura**. São Paulo, Editora Contexto, 2000.

MONTEIRO, C. A. F. Grande sertão: veredas. O Homem, o Campo e suas (inter)relações (2014). In Rui Jacinto (Coord.) - Geografia sem fronteiras: Diálogos entre Portugal e o Brasil. **Coleção Iberografias**, Guarda, CEI, Âncora, 41, pp. 245-249, 2021.

MONTEIRO, C. A. F. **Introdução à História da Amazônia brasileira**. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

MONTEIRO, C. A. F. **O mapa e a trama. Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2002.

MONTEIRO, C. A. F. O real e o mítico na paisagem do Grande Sertão. In MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (Org.) - **Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, pp. 123-139, 2010.

MONTEIRO, C. A. F. Paisagens, Olhares, Desenhos. In Rui Jacinto (coord). Imaginar o território: uma geografia do olhar. **Iberografias. Revista de Estudos Ibéricos**, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos. 12, pp. 180-186, 2016.

MONTEIRO, C. A. F. **Teoria e Clima urbano**. S. Paulo, IGEO/USP, 1976.

MONTEIRO, C. A. F.; SANT'ANNA NETO, J. L.; MENDONÇA, F. A. e ZAVATTINI, J. A. **A construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Campinas, Alínea Editora, 2015..

MONTEIRO, C. A. Notas para o estudo do clima do Centro-Oeste brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, XIII (1), pp. 4 – 46, 1951.

PASSOS, M. M. GTP bertrandiano transladado para a realidade da Geografia brasileira. **Geosul**, Florianópolis, v. 36, n. 80, pp. 17-42, 2021.

SANT'ANNA NETO, J. L. As matrizes da construção da Climatologia Geográfica brasileira. In: MONTEIRO, C. A.; SANT'ANNA NETO, J. L., MENDONÇA, F. A.; ZAVATTINI, J. A. - **A construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Alínea Editora, Campinas, pp. 7-60, 2015.

SOTCHAVA, V. B. Introducción a la teoría de los geosistemas (en ruso). Rusia, Ed. Nauka, Novosibirski, 1978; Referido em RODRIGUEZ, J. M. M. e SILVA, E. V. **Planejamento e Gestão Ambiental: subsídios da Geoecologia das paisagens e da teoria do geossistema**. Ed. UFC, Fortaleza, 2013.

SOUZA, M. L. (2019) – “Geografia Física Crítica”: Uma iniciativa louvável, mas de concretização enviesada. **Ambientes**, 2 (2), 2020, pp. 438-449.

TRICART, J. **Ecodinâmica** (trad.). Rio de Janeiro, 1977

TRICART, J. Paysage et ecologie. **Revue de Géomorphologie Dynamique**. Paris, 28(3), pp. 80-96, 1978.

ZAVATTINI, J. A. Dinâmica atmosférica e análise rítmica – a contribuição do brasileiro Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro à França de Pedelaborde e à Itália de Pinna. In: MONTEIRO, C. A.; SANT'ANNA NETO, J. L., MENDONÇA, F. A.; ZAVATTINI, J. A. - **A construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Alínea Editora, Campinas, pp. 167-186, 2015.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Lúcio Cunha – Concepção, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão dos resultados, Elaboração do manuscrito, Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Rui Jacinto - Concepção, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão dos resultados, Elaboração do manuscrito, Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Messias Modesto dos Passos - Concepção, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão dos resultados, Elaboração do manuscrito, Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Carlos Eduardo das Neves - Discussão dos resultados, Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Diogo Laércio Gonçalves - Discussão dos resultados, Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 28-02-2024

Aprovado em: 15-03-2024